



VIII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO ESPECIAL
Londrina de 05 a 07 novembro de 2013 - ISSN 2175-960X

A PERCEPÇÃO DOS ALUNOS COM DEFICIÊNCIA SOBRE A INCLUSÃO ESCOLAR: O QUE REVELAM AS PESQUISAS

CAMILA PAVANETI BATISTA¹
Universidade Federal de São Carlos
Agência Financiadora: CNPq

Resumo: Acreditando-se na necessidade de monitoramento e avaliação das práticas advindas da política de educação inclusiva, principalmente através da opinião dos alunos com deficiência, que são os protagonistas do processo, este estudo buscou analisar a percepção destes alunos a respeito da inclusão escolar, investigando aspectos positivos e desfavoráveis mencionados em trabalhos já realizados. Para isto, optou-se por uma pesquisa bibliográfica junto a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), utilizando-se os descritores “Inclusão Escolar, Alunos com Deficiência, Percepção”. Através dos critérios de inclusão, chegou-se a 11 pesquisas, em todas elas o foco central era a concepção de inclusão escolar dos alunos com deficiência escolarizados no ensino comum. A análise partiu de uma categorização dos dados, com discussões sobre a trajetória escolar do aluno com deficiência e ingresso no sistema regular de ensino; aspectos estruturais e metodológicos; interação com o professor e demais alunos; papel da escola como espaço de aprendizagem; expectativas futuras e situações de exclusão no ambiente escolar. Os resultados indicam que os alunos com deficiência mantêm a preferência pelo ensino regular porque neste contexto há mais oportunidades de socialização e participação em atividades antes não realizadas, porém, queixam-se da falta de recursos adaptados que os auxiliem na aquisição de conhecimento e envolvimento com os conteúdos curriculares; expressam descontentamento com a discriminação e desvalorização por parte de colegas e professores.

Palavras-chave: Inclusão Escolar. Alunos com deficiência. Percepção

Introdução e Referencial Teórico

O conhecimento sobre a leitura que o aluno com deficiência faz de seu processo de escolarização e dos atendimentos ofertados serve de parâmetro para a análise de como os serviços educacionais estão sendo disponibilizados e qual a qualidade oferecida. Tal conhecimento, além de contribuir com a discussão dos pressupostos da educação inclusiva, orienta os profissionais e atores do processo de inclusão escolar, como professores, gestão escolar e família, a reorganizarem suas práticas e desenvolverem ações que atendam ao que é preconizado pela legislação brasileira.

Pela importância atribuída às opiniões dos principais atores do processo de inclusão escolar, que são os alunos com deficiência, optou-se por um estudo que promovesse o conhecimento sobre a perspectiva destes alunos quanto ao ingresso no sistema regular de ensino. Acredita-se que é de extrema necessidade uma avaliação e monitoramento contínuo das práticas advindas

¹ Mestranda em Educação Especial pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de São Carlos, endereço eletrônico: camila77_pavaneti@hotmail.com



da política de educação inclusiva, principalmente se esta avaliação levar em conta a opinião, sugestões e críticas dos próprios alunos com deficiência inseridos na sala comum, já que são os protagonistas deste processo.

Saber claramente quais são as percepções dos escolares com deficiência, mapear suas demandas, ter em vista suas limitações e possibilidades, assim como conhecer seus anseios e expectativas, é fundamental para o planejamento de ações educativas que realmente se direcionem a uma verdadeira inclusão.

A igualdade é o principal elemento para a inclusão formal e material presente em todos os discursos de justificação para a inclusão de alunos com deficiência no ensino regular. O direito só se legitima quando há igualdade de participação de todos os alunos na escola, de modo que estes se sintam membros atuantes na composição da instituição de ensino (HABERMAS, 2003).

Dar espaço para que os alunos com deficiência possam se manifestar e contribuir para a escrita de sua própria história é algo que deve ser acolhido e estimulado quando se discursa sobre inclusão social e escolar.

Oferecer oportunidades às pessoas com deficiência e convidá-las para participar das diretrizes desenvolvidas é de suma relevância, já que foi a própria sociedade quem historicamente lhes negou oportunidades de manifestação. Portanto, agora a sociedade deve ser responsável por promovê-las (POWERS, 2005).

Se baseando nos pressupostos de que o aluno com deficiência deve fazer parte de sua realidade escolar, de modo que ele participe não apenas passivamente, mas exercendo sua cidadania e utilizando todo seu potencial, esta pesquisa tem como **objetivo** conhecer e analisar a percepção dos alunos com deficiência escolarizados na rede regular de ensino a respeito da inclusão escolar, investigando aspectos positivos e desfavoráveis mencionados por estes alunos em estudos já realizados.

Metodologia

Trata-se de uma Pesquisa Bibliográfica, de caráter descritivo. O desenvolvimento do trabalho se deu, inicialmente, pela busca na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)², com os descritores: “Inclusão Escolar, Alunos com Deficiência, Percepção”. Foram encontradas 40 pesquisas, porém, houve a exclusão de alguns trabalhos, pois, nem todos estavam em consonância com as categorias de análise definidas previamente. Os critérios de inclusão das pesquisas para a análise deste estudo foram: **a)** Pesquisas que tem como foco principal a inclusão escolar de alunos público alvo da Educação Especial; **b)** Pesquisas onde os sujeitos sejam os próprios alunos com deficiência matriculados na rede regular de ensino e que a discussão sobre a inclusão aconteça a partir da ótica do aluno inserido na sala comum.

A partir destes critérios foram selecionadas 11 pesquisas, destas 08 são dissertações e 03 são teses. As pesquisas são provenientes de programas de pós-graduação nas áreas de Educação (7), Educação Especial (2), Psicologia Social (1) e Educação Física (1). Segue as universidades das quais os estudos são oriundos: Universidade Federal de São Carlos (VELTRONE, 2008; TINÓS, 2010); USP (SHIMONO, 2008; GIL, 2009); UNICAMP

² Endereço eletrônico: <http://bdtd.ibict.br>



VIII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO ESPECIAL
Londrina de 05 a 07 novembro de 2013 - ISSN 2175-960X

(ALVES, 2013); Pontifícia Universidade Católica – SP (CABRAL, 2011); Pontifícia Universidade Católica – RS (FURINI, 2006); Universidade Federal do Rio Grande do Sul (HAAS, 2013); Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ (ANTUNES, 2012); Universidade Federal da Paraíba (SILVA, 2009); Universidade Federal do Rio Grande do Norte (FORTES, 2005).

Em algumas pesquisas foram participantes dos estudos, além dos alunos com deficiência inseridos no ensino regular, demais colegas da classe, professores e mães. Contudo, somente os relatos dos alunos com deficiência escolarizados na sala comum foram extraídos e analisados. Em algumas pesquisas também foram encontrados depoimentos de alunos com deficiência sobre a inclusão no mercado de trabalho e ensino superior, contudo, apenas verbalizações sobre o período de escolarização na escola comum, seja no ensino fundamental ou médio, é que foram consideradas para esta pesquisa.

Resultados e Discussão

O foco das pesquisas que fazem parte deste estudo se concentra nas concepções, expectativas e trajetórias de alunos com deficiência no ensino regular. Os estudos tiveram como tarefa central identificar interações sociais na escola, conhecer o envolvimento dos alunos com a aprendizagem do conteúdo curricular e revelar os significados do cotidiano da escola comum para os alunos com deficiência que circulam neste tipo de instituição. As pesquisas também procuraram fazer uma investigação sobre a relação entre deficiência, escola e construção do conhecimento. Houve depoimentos de situações de exclusão e autopercepções consolidadas por influência da escola.

A partir de todos os dados coletados através dos estudos analisados foi feita uma categorização para a compreensão das concepções e perspectivas dos alunos com deficiência no que se refere a sua inserção e permanência no ensino regular. Os resultados evidenciaram que as experiências dos alunos com deficiência na escola regular trouxeram tanto impactos positivos quanto negativos em suas vivências.

Segundo Bardin (1977), a categorização é uma operação estrutural que comporta a organização das mensagens e a separação de elementos constitutivos de um conjunto. Ao classificar os elementos em categorias temos um processo com critérios previamente definidos que, de acordo com a autora, “impõe a investigação do que cada um deles tem em comum com outros. O que vai permitir seu agrupamento é a parte comum existente entre eles” (BARDIN, 1977, p.118). Ou seja, os dados levantados foram descritos a partir de padrões de comunicação encontrados nas pesquisas, foram realizados recortes e agregação de informação, resultando na representação do conteúdo. Com os dados obteve-se, portanto, as seguintes categorias exploradas a seguir:

Percepção dos alunos com deficiência escolarizados na classe comum quanto **I**)a trajetória escolar e ingresso no sistema regular de ensino; **II**)aos aspectos estruturais e metodológicos encontrados em sala; **III**)a interação com o professor e demais alunos; **IV**)ao papel da escola como espaço de aprendizagem e expectativas futuras.

No que se se refere **(I) à trajetória escolar e ingresso no sistema regular de ensino**, relatos mostram que a passagem da classe especial para a regular gerou nos alunos sentimentos que favoreceu a autoestima dos mesmos. Os alunos entrevistados expuseram em seus depoimentos



a satisfação de poder conviver em espaços não segregados, a partir da oportunidade de se relacionar mais e usufruir de atividades antes não realizadas.

Outro relato presente nas pesquisas diz respeito a repetência que marcou a história escolar de alguns dos sujeitos, indicando que o fracasso escolar é comum na trajetória de escolarização dos alunos com deficiência, principalmente de alunos diagnosticados com deficiência intelectual.

Tinós (2010), ao desvelar as trajetórias escolares de alunos com deficiência, a fim de compreender os diferentes serviços educacionais por estes vivenciados, trouxe um relato de uma aluna onde esta afirma que estava com seis anos quando foi inserida no ensino regular, sendo colocada numa sala de aula com crianças de três anos, e que por isto ficava sempre sozinha. Neste e em outros depoimentos, os alunos se mostraram insatisfeitos com a diferença de idade em relação aos demais alunos da turma onde foram inseridos.

No estudo de Veltrone (2008) alguns alunos afirmaram ter vergonha de contar para outros a classe que estuda, porque é uma sala com alunos mais novos, sendo manifestado o desejo de ir logo para séries posteriores, na expectativa de estudar com outros colegas que tenham a mesma idade.

É importante ressaltar que uma significativa defasagem idade-série, comum em alunos com deficiência intelectual, contraria os pressupostos da educação inclusiva. A qual preconiza que todos os alunos, mesmo os que apresentam condições que afetam diretamente a relação ensino-aprendizagem, devem ser inseridos no sistema regular de ensino com o mínimo possível de distorção idade-série. Tinós (2010) apresenta um depoimento que ilustra o descontentamento e a situação de exclusão gerada pela diferença idade-série, que faz parte da realidade de muitas crianças inseridas no ensino comum:

“Quando fui pra (nome da escola regular) eu não gostava de lá. Porque os meninos me xingava. Os meus colegas da classe. Que eu tinha 15 anos e eles me xingavam de king kong. Eles tinham oito ou sete anos” (TINÓS, 2010, p.56).

A repetência, o fracasso escolar e abandono de estudos constitui uma cicatriz que marca a vida escolar de grande parte dos alunos com deficiência. “Uma escola que educa com qualidade todos os seus estudantes, é essencialmente uma escola inclusiva que não precisa discriminar nenhum educando com base em qualquer característica pessoal” (FERREIRA, 2006, p.44).

Quanto aos **(II) aspectos estruturais e metodológicos encontrados nas disciplinas**, apareceram queixas sobre o desrespeito ao ritmo do aluno e afirmações de que *“o professor é muito rápido”*, a partir dos depoimentos de que o docente escreve na lousa e logo apaga, exige o produto da tarefa no mesmo tempo para todos e fornece instruções rápidas sem que haja repetição. Apareceram ainda queixas ao sistema tradicional baseado no giz e quadro, por exigir cópia e ser custoso, alguns alunos justificaram que o uso unicamente deste recurso *“cansa a mão, é difícil de ler”*.

Foram relatadas muitas inadequações na escola em virtude de um ensino fortemente pautado na disciplinarização dos conteúdos, na transmissão passiva do conhecimento e na homogeneização dos métodos de ensino.

De acordo com Padilha (2001, 2004), estudos sobre o cotidiano de alunos com deficiência intelectual na sala de aula mostram que uma quantidade considerável de professores não sabe



trabalhar de maneira diferenciada com esses alunos e acabam não identificando e valorizando suas potencialidades. Assim como não atendendo a muitas necessidades imprescindíveis ao desenvolvimento e desempenho acadêmico dos alunos, sejam alunos com ou sem deficiência. Nos discursos dos alunos as atividades em grupo, atividades práticas, atividades com o uso do computador e os esportes são os momentos em que eles se consideram mais integrados e não alheios ao processo de ensino-aprendizagem.

Foram verificados alguns relatos onde a biblioteca foi mais citada do que a sala de aula. De acordo com Antunes (2012) talvez isso ocorra porque nestes ambientes eles sentem-se mais autônomos e podem escolher o que desejam fazer ou ler. Ao contrário, as atividades de sala são normalmente pré-estabelecidas e estruturadas de forma que o aluno terá apenas que seguir as determinações impostas pelo professor. Relatos de alunos com deficiência na classe comum, apresentados pelas pesquisas que fazem parte deste estudo, mostraram que eles muitas vezes não conseguem acompanhar as aulas e que elas não se mostram interessantes.

Infelizmente, encontramos no meio educacional a centralização do ensino na figura do professor, ele como único detentor dos saberes e uma relação assimétrica de poder. Neste contexto, “ao aluno despossuído de saberes cabe o fazer deveres para adquirir estes saberes” (CASTRO e MATTOS, 2011, p.7). Muitas vezes com propostas descontextualizadas, que não atendem às necessidades e que não se apresentam de modo funcional aos alunos.

Ao longo dos relatos a sala de aula, em específico, não é vista como um ambiente acolhedor pelos alunos com deficiência intelectual. Esta situação pode estar ocorrendo porque é neste espaço que a deficiência cognitiva, os fracassos e baixo desempenho destes alunos fiquem mais evidentes.

A adoção de metodologias diferenciadas de ensino, trabalho colaborativo em sala de aula, trabalho com material diferenciado e estratégias que atendam as necessidades dos alunos são alguns recursos para garantir um envolvimento maior e mais produtivo junto aos conteúdos escolares.

Em contrapartida, os alunos relataram uma concepção de ensino e aprendizagem pautada em atos mecânicos, descontextualizados, estanques, que desconsideram as especificidades de cada um.

Foi bastante mencionado o interesse dos alunos pelo uso do computador, porém alguns relatos não confirmaram que esta ferramenta fazia parte do ambiente escolar. A utilização do computador, de acordo com os depoimentos das pesquisas, era algo incomum na escola e mais frequente em casa ou em outros contextos.

Mesmo nos dias atuais, a escola continua bastante fechada às tecnologias de informação e comunicação como estratégias de produção de conhecimento. “Chama a atenção o fato de que nem mesmo no espaço do AEE o sujeito tenha acesso, uma vez que faz parte das atribuições do serviço utilizar a tecnologia a serviço da aprendizagem dos alunos com deficiência” (HAAS, 2013, p.154).

Além de narrarem o gosto pela informática, alguns alunos relataram o hábito de ler jornal, demonstrando que assimilaram a função social da leitura e escrita. No entanto, todas estas práticas são feitas fora do ambiente escolar, indicando que a sala de aula não acolhe e incentiva modos particulares de aprender, bem como não há o incremento de atividades já propostas.



VIII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO ESPECIAL
Londrina de 05 a 07 novembro de 2013 - ISSN 2175-960X

Em um dos depoimentos o aluno expõe o descontentamento com a postura do professor que se recusa a adaptar suas aulas às necessidades do acadêmico, que solicitava o ditado do conteúdo escrito no quadro. De acordo com este aluno:

“A professora reclamou: ah eu não sei falar, escrever, tudo ao mesmo tempo! Eu não estudei para ser professor de deficiente! Eu não fiz faculdade para isso”
(SHIMONO, 2008, p.59).

O aluno com deficiência enfrenta o despreparo da falta de recursos da escola e também a inflexibilidade de alguns profissionais que, por falta de informação ou sensibilidade ao educar, não se responsabilizam pela aprendizagem do aluno, depositando nele todo fracasso ou mau desempenho.

A pesquisa de Antunes (2012) constatou, através dos relatos dos entrevistados, que parece não existir adaptações curriculares, atividades diferenciadas ou modelos alternativos de avaliação. No trabalho de Tinós (2010), que entrevistou jovens com deficiência matriculados na EJA, alguns motivos foram destacados com relação às dificuldades em sala de aula. Entre os motivos destacados está o fato de equipamentos antigos e com mau funcionamento serem oferecidos aos alunos, atrasando a execução de suas dificuldades. Todavia, no estudo de Fortes (2005) há referência a professores que, mesmo sem recursos, utilizavam várias estratégias para favorecer a aprendizagem dos alunos:

“O professor fazia improvisação de ideias imaginárias para que eu tivesse entendimento de gráficos, figuras geométricas, eles pegavam nas minhas mãos e desenhavam uma esfera, uma meia lua (...) para que eu pudesse mentalizar a ideia daquela figura geométrica. Eles (os professores) faziam colagem em alto-relevo, cordão, palitos de picolé, fósforo, qualquer coisa que eles pudessem colocar em cima de uma base para que eu pudesse perceber a ideia da figura do gráfico”
(depoimento extraído de FORTES, 2005, p.119).

Sobre **III) a interação com o professor e demais alunos**, na pesquisa de Veltrone (2008) alguns participantes disseram gostar dos seus professores, mas consideram que em determinados momentos eles são *“um pouco bravos”* (no sentido de dar muitas ordens ou instruções incompreensíveis). Na percepção dos estudantes com deficiência a interação com o professor pode favorecer o relacionamento interpessoal e, conseqüentemente, interferir positivamente no processo de ensino-aprendizagem.

Na pesquisa de Silva (2009), os alunos entrevistados também relataram que *“os professores são bons”*, mas poderiam oferecer mais atenção. *“Às vezes eu não entendo a matéria e o professor não consegue me explicar”*. Nas pesquisas analisadas também houve referência a experiências de intolerância e rejeição vividas no ambiente de estudo, tais experiências partiram de professores e demais alunos para com o aluno com deficiência. No estudo de Shimono (2008) um depoimento mostra-se bem marcante:

“Eu escrevia em sala na reglete. Um dia uma menina fez um comentário infeliz na turma, o professor de Inglês estava fazendo ditado oral, todo mundo escrevendo e eu



VIII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO ESPECIAL
Londrina de 05 a 07 novembro de 2013 - ISSN 2175-960X

também. Ela falou assim: ah, fica esse barulhinho tec-tec-tec na nossa cabeça. Achei tão infeliz da parte dela e o professor ainda riu. Então eu senti ainda pior porque se o professor não tivesse opinado, tudo bem. Mas pelo menos que não tivesse dado risada” (Shimono, 2008, p.58).

Outro relato reforça a postura de desrespeito à condição dos alunos com deficiência escolarizados no sistema regular:

“(...) um professor falou assim para nós duas, eu e minha amiga que estudávamos na mesma turma: Porque vocês não ficam em casa? Vocês deviam aprender cozinhar e ficar em casa”. (depoimento extraído da pesquisa de Shimono, 2008 p.59).

Encontra-se também discursos onde a relação professor-aluno com deficiência foi marcada pelo compromisso e pela busca de recursos que favoreçam a aprendizagem do aluno com deficiência matriculado no ensino comum. Um exemplo está na pesquisa de Tinós (2010):

“A professora era tudo na minha vida. Ela também não sabia lidar comigo e ela aprendeu comigo. Ela me escutava. Com ela eu aprendi, entendeu, porque ela sim me dava atenção (...)” (TINÓS, 2010, p.76).

Na pesquisa de Cabral (2011) foi evidenciada algumas relações criadas com os professores que se pautaram na proteção exacerbada do aluno ou ainda na resistência do professor em perceber as capacidades motoras e cognitivas do alunado para o relacionamento social.

A respeito da relação dos educandos com deficiência com demais alunos da escola, apareceram relatos sobre os problemas de interação com colegas na escola regular. Algumas falas mostram que os alunos com deficiência vivenciaram situações de discriminação por parte dos outros estudantes.

O estudo de Furini (2006) observou que a relação entre eles oscilou entre conflitos e momentos de bom relacionamento. Veltrone (2008) afirmou, através dos depoimentos colhidos em sua pesquisa, que os alunos com deficiência preferem os colegas da escola regular comparado aos colegas da época que frequentavam a instituição especial. Isso é atribuído ao fato de que existe um maior número de alunos e, conseqüentemente, mais oportunidades de fazer amizades, e também em decorrência de situações de recreação.

Também emergiu nos discursos maus encontros marcados pelo afastamento e exclusão dos alunos no ambiente escolar. Nos depoimentos também pode ser verificado o quanto é importante para os alunos com deficiência a presença e aceitação do outro.

Glat (2009) ressalta a importância do papel do outro na relação deficiência e não deficiência para a constituição da identidade pessoal dos indivíduos identificados como deficientes. De acordo com a autora, “o grupo social é o referencial a partir do qual o indivíduo cria e ajusta constantemente sua identidade pessoal” (GLAT, 2009, p.15).

Alguns depoimentos retratam a rejeição e discriminação que os alunos com deficiência sofrem na escola comum, como a fala a seguir:

“Gosto dos colegas, só que os meninos às vezes mexem comigo, no meu cabelo. Eles falam que sou doida, eu não



VIII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO ESPECIAL
Londrina de 05 a 07 novembro de 2013 - ISSN 2175-960X

gosto, fico mais sentada sozinha no intervalo, lanche só”
(Silva 2009, p.106).

Pode-se constatar nos relatos das pesquisas a consciência dos alunos sobre a exclusão vivida pelos colegas, expressado por sentimentos de desapontamento pelas agressões físicas e morais de outros alunos. Outros relatos também mostram que a consciência de alguns alunos do seu estado de exclusão reflete na sua relação com o mundo, ou seja, como forma de evitar novas agressões prefere-se a auto-exclusão do convívio com os colegas na escola. Outro depoimento exemplifica esta discussão:

“Gosto de ficar na sala dos professores, os colegas da escola me batem. Eu me identifico mais com o grupo de surdos que tem na escola do que com as outras crianças (...)” (depoimento extraído de Silva, 2009, p.106).

A pesquisa de Shimono (2008) também mostra que a trajetória escolar de alunos com deficiência passa por experiências de discriminação vividas na escola. Ilustra-se tal fato com o seguinte depoimento:

“Teve um dia que a gente estava no pátio e uma pessoa da turma comentou: ah, quantos anos você tem? Eu não entendi a pergunta, Perguntaram de novo e eu não entendi. Daí as pessoas saíram de perto. Falaram: você é surdo então! Sai fora. Todo mundo saiu de perto (...) acabei ficando sozinho” (Shimono, 2009, p.85, 86).

De acordo com Omote (2004) um atributo ou comportamento deixa de ser apenas uma diferença e torna-se uma diferença ameaçadora, levando a pessoa a ser tratada de maneira diferente pela coletividade. Essa diferença, segundo o autor, passa a receber interpretações que levam a sociedade a evitar quem possui esta diferença.

Cabral (2011) nos mostra outros depoimentos de situações de exclusão dizendo que professores não apresentam disposição para mudar a visão rígida e pré-estabelecida que possuem em relação ao aluno com deficiência.

Tratar o aluno com deficiência, no interior da escola, como alguém incompleto e sem condições plenas de aprendizagem, é negar-lhe a possibilidade de se apropriar das formas culturais e simbólicas disponíveis no meio social. “A escola deveria agir no sentido de mudar seu ciclo de desenvolvimento, proporcionando-lhes não só o acesso ao conhecimento ou aos conteúdos escolares” (OLIVEIRA, 2007, p.71).

Considerando todos estes relatos e observações, cabe discutir como a escola tem se organizado para atender as necessidades dos alunos com deficiência que estão incluídos/inseridos no ensino regular. Acredita-se que ao rompermos com a exclusão da escola, nos deparamos com a exclusão na escola, garantindo apenas a matrícula e não o direito de desenvolvimento pleno dos alunos com deficiência.

A categoria **IV) o papel da escola como espaço de aprendizagem e expectativas futuras** nos fornece dados sobre como a maioria dos alunos atribui um papel bastante importante para a escola em seus discursos. Os alunos entrevistados pelas pesquisas declaram que a escola é um espaço de aprendizagem, e que através dela terão acesso aos conhecimentos importantes para o futuro. Nos depoimentos dos alunos com deficiência isso foi evidenciado em falas



VIII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO ESPECIAL
Londrina de 05 a 07 novembro de 2013 - ISSN 2175-960X

como: vou para a escola para “*ser alguém na vida*”, para “*aprender e trabalhar*”. Nota-se, portanto, que escola está intimamente relacionada com as perspectivas de futuro dos alunos. Haas (2013) apontou que o processo de alfabetização e letramento é tratado pelos alunos como uma conquista que amplia suas possibilidades de ser, permitindo-lhes conviver com diversos objetos de nossa cultura.

As expectativas futuras são reveladas pelos discursos dos alunos quando estes demonstram o quanto desejam obter uma profissão e são unânimes em afirmar que a escola tem grande parcela de responsabilidade na conquista desse sonho. Isto é verificado em depoimentos tais como: “*Olha (...) eu sempre quis ser alguém na vida entendeu? Eu sempre quis ter um diploma, mesmo com minhas limitações (...)*” (TINÓS, 2010, p.80).

Os relatos revelam a não desistência pela escolarização, a vontade de superar limites e participar de práticas desafiadoras, apesar dos obstáculos que os alunos com deficiência ainda encontram no interior da escola, como a discriminação e falta de recursos que atendam as suas necessidades. Depoimentos indicam que alguns alunos concebem a escola como um meio para conquistar sua independência laboral e financeira, alcançando uma autonomia plena.

Conclusões

A concepção de inclusão dos alunos com deficiência está vinculada a participação ativa nas atividades propostas nas aulas e também relacionada com a interação social com seus colegas de classe, fatores estes que atuam de forma indissociável e dependente.

Os discursos indicaram que a deficiência chama a atenção dos demais alunos ora despertando certa curiosidade, ora gerando comportamentos de hostilidade manifestados pelo grupo. E que mesmo com a ocorrência de episódios de discriminação ou situações de rejeição e exclusão, os alunos atribuem à escola um papel crucial para seu desenvolvimento e oportunidades profissionais. Os relatos evidenciaram que os alunos com deficiência desejam exercer as funções que outros alunos da sua faixa-etária realizam. Portanto, estar no sistema regular de ensino é motivo de satisfação, apesar das dificuldades encontradas na trajetória escolar destes alunos, como falta de recursos adaptados, despreparo dos professores e desvalorização pela condição de ser uma pessoa com deficiência.

Foi evidenciado, a partir dos depoimentos de alunos com deficiência matriculados na rede regular de ensino mencionados nas pesquisas analisadas, que a formação continuada de professores para o atendimento a estes alunos é algo imprescindível a qualidade dos serviços oferecidos e a concretização do que é pautado na legislação sobre a educação inclusiva.

É importantíssimo o movimento de escuta dos alunos com deficiência sobre seu processo de escolarização, pois, eles apresentam muitas expectativas relacionadas ao sistema de ensino e têm muitas críticas a fazer. Não dar crédito ao que eles pensam e falam ou atribuir a escola apenas um papel de socialização, sem a devida reorganização do espaço escolar e a definição de suas atribuições é, em alguma medida, negar as potencialidades e direitos dos alunos com deficiência.

Referências Bibliográficas

ANTUNES, K.C.V. **Histórias de Vida de alunos com deficiência intelectual: percurso escolar e a constituição do sujeito**. Universidade do Estado do Rio de Janeiro: Faculdade de Educação, 2012.



VIII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO ESPECIAL
Londrina de 05 a 07 novembro de 2013 - ISSN 2175-960X

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições, 1977.

CABRAL, F.A. **Inclusão escolar no ensino fundamental: estudo das relações sociais entre alunos com e sem deficiência intelectual** (Dissertação de Mestrado). Programa de Estudos pós-graduados em Educação: história, política e sociedade, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

CASTRO, P.A. & MATTOS, C.L.G. de. Sentido de escola: fazeres, deveres e saberes. **Revista Teias**. V.12, n.25, p.17-32, maio/ago.2011.

FERREIRA, J.R. Educação especial, inclusão e políticas educacionais: notas brasileiras. In: RODRIGUES, D. (Org.). **Inclusão e Educação: doze olhares sobre a educação inclusiva**. São Paulo: Summus, p.85-113.

FURINI, A.B. **Processo de inclusão na escola regular: panorama de percepções** (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica, 2006.

GADOTTI, M.; ROMÃO, J.E. **Educação de adultos: identidades, cenários e perspectivas**. Brasília: Liber livro, 2007.

GIL, F.C.M. **A criança com deficiência visual na escola regular** (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade de São Paulo, 2009.

GLAT, R. **Somos iguais a vocês: depoimentos de mulheres com deficiência mental**. Rio de Janeiro: Ed.Agir, 2009.

HAAS, C. **Narrativas e percursos escolares de jovens e adultos com deficiência: “Isso me lembra uma história”** (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2013.

HABERMAS, J. **Democracia e direito entre facticidade e validade**. São Paulo: Ed. Tempo Brasileiro, 2003.

MORAES, S.C. (Org.). **Educação Especial na EJA: contemplando a diversidade**. Porto Alegre: Secretaria de Educação - SMED/RS, 2007.

OLIVEIRA, A.A.S. **Um diálogo esquecido: a vez e a voz de adolescentes com deficiência**. Londrina: Paxis, 2007.

OMOTE, S. Estigma no tempo da inclusão. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v.10, n3, p.287-308, 200.



VIII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO ESPECIAL
Londrina de 05 a 07 novembro de 2013 - ISSN 2175-960X

PADILHA, A.M.L. **A constituição do sujeito simbólico: para além dos limites impostos à deficiência mental.** XXIV Reunião Anual da ANPED. Caxambú. 2001.

_____. **Possibilidade de Histórias ao contrário: como desencaminhar um aluno da classe especial.** 3ª edição revista e ampliada. Editora Plexus, São Paulo, 2004.

POWERS, L.E. Self-determination by individuals with severe disabilities: limitations or excuses? **Research and practice for persons with severe disabilities.** n.3, 2005.

SHIMONO, S.O. **Educação e trabalho: caminhos da inclusão na perspectiva da pessoa com deficiência** (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2008.

SILVA, D.A. **Inclusão social de alunos com necessidades educacionais especiais em contexto escolar por atores sociais da escola** (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal da Paraíba, 2009.

TINÓS, L.M.S. **Caminhos de alunos com deficiências à educação de jovens e adultos: conhecendo e compreendendo trajetórias escolares** (Tese de Doutorado). São Carlos: UFSCar, 2010.

VELTRONE, A. A. **A inclusão escolar sob o olhar dos alunos com deficiência mental** (Dissertação de Mestrado). São Carlos: UFSCar, 2008.